



CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMBURY
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
ARTIGO CIENTÍFICO

**O LUTO POR ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO SOB O OLHAR DA
GESTALT – TERAPIA:
UMA ANÁLISE DO FILME MARLEY E EU**

ORIENTANDA: MARYNARA MATOS DE OLIVEIRA MARINARI
ORIENTADORA: PROFA. MA. MIRELLY CONCEIÇÃO DO CARMO

GOIÂNIA – GO

2022

MARYNARA MATOS DE OLIVEIRA MARINARI

**O LUTO POR ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO SOB O OLHAR DA
GESTALT – TERAPIA:
UMA ANÁLISE DO FILME MARLEY E EU**

Artigo Científico apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II do curso de Psicologia do Centro Universitário Cambury, sob a orientação da Profa. Ma. Mirelly Conceição do Carmo.

GOIÂNIA – GO
2022.



ATA PARA EXAME DE DEFESA

No dia 23 do mês de junho do ano de 2022, às 21:00 horas, na sala 412, do Centro Universitário Cambury, reuniram-se o(a) aluno(a) orientando(a) MARYNARA MATOS DE OLIVEIRA MARINARI o(a) Professor(a) Orientador(a) Mirelly Conceição do Carmo e os(as) Professores(as) Convidados(as) Jéssika Hellena Candine Grazziotin e Isadora Samaridi, para realizarem a banca do EXAME DE DEFESA do Artigo, da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, realizado com base no Manual de Trabalho de Conclusão de Curso da Unicambury.

Título do TCC:

O LUTO POR ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO SOB O OLHAR DA GESTALT-TERAPIA: UMA ANÁLISE DO FILME MARLEY E EU

AVALIAÇÃO	COMPONENTES	NOTAS
0 a 10,0	Trabalho escrito (coerência, problematização, referencial teórico e originalidade)	10.0
0 a 10,0	Exposição oral (verificar a apresentação, postura, fundamentação, segurança e conhecimento, domínio do assunto, potencial crítico, etc.)	10.0
0 a 10,0	Questionamentos da Banca Examinadora (analisar as respostas das arguições da Banca, capacidade de interpretação e sustentação/defesa das questões apresentadas).	10.0
MEDIA FINAL		10.0

Sugestões para correções e alterações:

Professor/a Orientador/a: Mirelly Conceição do Carmo - Mestre

Professor/a Examinador/a 1: Jéssika Hellena Candine Grazziotin - Especialista

Professor/a Examinador/a 2: Isadora Samaridi - Mestre

Aluno(a) orientado: Marynara Matos O. Marinari

Dedico este estudo a todos que em algum momento de suas vidas passaram pelo processo de luto com a perda de seus animais de estimação, por morte ou outros motivos.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Ma. Mirelly Conceição do Carmo que com todo seu conhecimento, competência, afeto e paciência me orientou para realização desta pesquisa. Muito obrigada por conseguir atender minha demanda e estar sempre acessível e receptiva para conclusão deste trabalho.

Ao Prof. Me. Wanderson Barreto por tanto ter impacto com suas aulas com um olhar mais amplo e voltado para o social. Muito obrigado por todos esses anos ter tido o privilégio de ter participado de suas aulas e aprendido com o senhor.

À Profa. Ma. Isadora Samaridi por ter ministrado com tanto conhecimento e amor a Gestalt terapia na minha jornada acadêmica, muito obrigada por ter apresentado essa abordagem com tanto domínio e conhecimento.

À Profa. Esp. Jéssika Grazziontin por todas as aulas e conteúdos ministrados ao longo da minha jornada acadêmica, sempre com o olhar amplo e acolhedor da psicologia aos seus alunos.

Ao meu pai Luiz Marinari pela oportunidade de me permitir cursar este curso maravilhoso, a qual sinto muita felicidade e gratidão.

À minha irmã Lays Marinari que sempre esteve de longe acompanhando minha evolução, questionando o andamento deste trabalho. Sempre demonstrando alegria e interesse por esta conquista.

Ao meu esposo Deivisteu Tavares pelo apoio, com paciência e acolhimento.

Ao meu pet Pipoca, à qual tenho como um filho e esteve junto de mim, ao meu lado em todos os momentos de escrita deste trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 MÉTODO.....	8
2 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	9
2.1 A interação homem-animal.....	9
2.2 OS processos de luto e o luto pet	10
2.3 O processo do luto à luz da Gestalt-Terapia.....	13
3.4 Marley e eu: uma história de luto pet a luz da gestalt-terapia.....	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
REFERÊNCIAS.....	18

O LUTO POR ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO SOB O OLHAR DA GESTALT-TERAPIA UMA ANÁLISE DO FILME MARLEY E EU

RESUMO: Este artigo tem como objetivo a identificação e compreensão do processo de enfrentamento do luto por animais de estimação com base no filme MARLEY E EU (2008), de DAVID FRANKEL. Para responder a essa proposta, parte-se de uma investigação teórica que busca compreender como a relação de afeto do homem com os animais estão se desenvolvendo cada vez mais com a convivência com os mesmos e como esse vínculo resulta no enfrentamento do luto. Esta pesquisa bibliográfica baseia-se principalmente nos fundamentos da teoria do apego, de John Bowlby, e o olhar da Gestalt-terapia no enfrentamento do processo de luto pet.

Palavras-chave: Luto; Animais de estimação; Gestalt; Filme.

ABSTRACT: *This monograph aims to identify and understand the process of coping with grief for pets based on the film MARLEY AND ME (2008), by DAVID FRANKEL. In order to respond to this proposal, it starts with a theoretical investigation that seeks to understand how the relationship of affection between man and animals is increasingly being developed with the coexistence with them. and how this bond results in coping with grief. This bibliographic research is mainly based on the foundations of John Bowlby's attachment theory and the Gestalt's view on coping with the pet grieving process.*

Keywords: *Grief; Pets; Gestalt; Movie.*

INTRODUÇÃO

A relação dos animais com o ser humano está presente nas culturas há muito tempo, desde a pré-história, quando as criações dos animais eram vistas como auxílio para caças e meios de transportes. Com o passar dos anos suas afinidades foram sendo desenvolvidas, e hoje os animais estão cada dia mais presentes nos lares das pessoas.

No ano de 2020 foi realizada uma pesquisa pela ABINPET (Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação), a qual nos mostra que o número de animais por habitantes tem aumentado a cada ano, no Brasil e no mundo. A explicação fornecida por Sife (1993), que diz sobre o forte vínculo homem animal ter se transformado em um fenômeno moderno é de que o animal tem uma função psicológica para o ser humano que despõe da companhia de um animal, a qual define como repleta de amor, assim transferindo conforto e fortalecendo o ego do proprietário do animal, desenvolvendo um bem estar ao seus tutores.

Segundo Beck e Katcher (1996), pessoas com animais de estimação fazem menos visitas ao médico. O fato de rir, brincar e o comportamento receptivo do animal com seu proprietário quando retorna para casa faz com que o mesmo fique satisfeito diariamente, favorecendo assim uma melhor qualidade de vida. Friedmann

(1995), contribui relatando que proprietários de cachorros são considerados mais saudáveis, por desenvolverem condições físicas como caminhar com os animais e assim se exercitarem.

Além de contribuírem para a saúde dos seres humanos, os animais gradativamente estão sendo destaque como facilitadores e auxiliares em alguns tratamentos, como, Atividade Assistida por Animais (AAA), a qual refere-se a breves visitas de condutores com seus animais, em que pacientes de instituições interagem com os mesmos de maneira lúdica, e Terapia Assistida por Animais (TAA), na qual os animais fazem parte do tratamento do paciente, com sessões e encontros preparados e acompanhados pelos profissionais da área da saúde, acompanhado pelos animais denominados coterapeutas.

Além de atuarem como instrumentos terapêuticos os animais também são capazes de suprir falhas emocionais criadas pelo ser humano, em razão dos animais de estimação estabelecem fortes vínculos emocionais com os seus donos, de forma recíproca, através da companhia, amor, carinho, afeto, confiança e obediência, tornando-se integrante membro do seu núcleo familiar. (VOLPI E ZADROZNY, 2012)

Em meados da década de 1950, a Doutora Nise da Silveira, que foi aluna de Carl Jung, desenvolveu uma atividade em um hospital psiquiátrico do Rio de Janeiro, a zooterapia, onde consistia em uso de animais para auxílio no desenvolvimento das condições físicas e psíquicas dos pacientes internados. Essa questão é abordada no filme *Nise: o coração da loucura* (2015), a qual relata a história de sua carreira no hospital psiquiátrico, e umas das questões abordadas, é o impacto da morte dos cães, em que seus pacientes haviam contato, como auxiliares. A morte e o luto vivido pelos seus pacientes causam uma desordem no hospital e um retrocesso no quadro clínico de seus pacientes.

O luto é um processo e é vivido de diferentes formas por cada indivíduo. Este processo depende integralmente do nível de envolvimento emocional de acordo com a qualidade do vínculo que existia (JACOBUCCI,2015). Para Tada e Kovács (2007), o luto pode apresentar-se de várias maneiras, incluindo-se a perda de um animal de estimação, podendo considerar fatos traumáticos e doloridos.

Segundo Kubler-Ross (1969), o processo de luto se dá em cinco estágios: negação, negociação, raiva/culpa, depressão e aceitação. Para Ramos (2016), o

luto pode ser diferenciado entre o normal e o patológico. A principal distinção entre ambos é o tempo de duração e intensidade das reações.

A Gestalt – terapia é uma abordagem da Psicologia que tem como base metodológica a Fenomenologia a qual discorre o luto e a morte como fenômenos próprios do humano e preocupa-se em evidenciar as experiências no mundo, de forma específica e única (CECCON, 2017). Desse modo a Gestalt-terapia contribui no processo do luto possibilitando para que a pessoa olhe para o que acontece com ela e descubra o melhor caminho a tomar a fim de que seu sofrimento diminua (MARIZE, LIMA, 2014).

Durante o processo terapêutico com base gestáltica, é disposto um suporte ao enlutado que colabora para que o indivíduo possa ressignificar suas experiências e vivenciar o luto de forma saudável, reconhecendo sua dor com empatia e respeito a sua perda (SOUZA, 2016).

Os estudos acerca das vivências do luto podem auxiliar os profissionais de saúde no cuidado com as pessoas, reconhecendo e ajudando a enfrentar esse momento de dor com mais empatia e menos sofrimento. Assim para que o indivíduo enlutado consiga reorganizar-se psiquicamente, reestruturando sua vida sem aquela presença significativa (CREPALDI, 2020).

Para Beck e Katcher (1996), para as pessoas que convivem com animais de estimação, a morte deles pode ser difícil de ser aceita. Este trabalho tem como objetivo compreender o processo de enfrentamento do luto pet à luz da Gestalt-Terapia, com base em pressupostos teóricos, acrescentando como recurso fílmico *Marley e eu* (2008), dirigido por David Frankel para uma análise de conteúdo diante a perda significativa de um animal de estimação.

1 MÉTODO

Com embasamentos na teoria da Gestalt-terapia, o presente trabalho fez uma revisão bibliográfica acerca do desenvolvimento da relação homem-animal, e a contribuição no processo do enfrentamento do luto pet. Somando a uma análise de conteúdo do filme *Marley e eu* (2008), de David Frankel, a qual aborda o desenvolvido do vínculo do animal no núcleo familiar, até o dia de sua morte, e como a família vivencia esse luto.

Para Penafria (2009), a análise fílmica se baseia em explicar o funcionamento de um determinado filme e propor uma interpretação e reflexão. A partir das cenas do filme proposto foi feita uma interpretação sobre a vivência do processo de luto por um animal de estimação, de um cão da raça labrador.

Foram pesquisados entre artigos da internet e livros, com critérios inclusivos relacionados a luto, luto pet, interação homem-animal e fundamentos do luto sob o olhar da gestalt-terapia.

Na Gestalt-Terapia quanto aos enlutados, é preciso que lhe seja permitido viver e ressignificar a dor da perda, junto a fenomenologia a qual conceitua o luto com uma variedade de sentimentos, pensamentos e reações com tais experiências. Neste trabalho, buscou-se reconhecer o luto pela perda de animais de estimação.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 A interação homem-animal

De acordo com a última pesquisa realizada, no ano de 2020, pela ABINPET (Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação), o número da ¹população pet no Brasil é de 144,3 milhões, estando dentre esses cães, gatos, peixes, aves e outros. A indústria pet teve o acúmulo no ano de 2020 o total de 27,02 bilhões. No ranking de faturamento no mercado mundial de pet, o Brasil ocupa o 7º lugar com 3,9%, e o primeiro lugar está o EUA com 40,6%.

Esses números nos mostram o quanto os animais de estimação estão cada vez mais dentro dos lares, e se tornando membros da família. Konrad Lorenz (1903-1989), ganhador do prêmio Nobel de fisiologia em 1973, em sua obra *Man Meets Dog* (1949), relata o convívio de sua família com seus cães, levantando questões como a evolução da interação entre humanos e cães, e a domesticação desta espécie.

Há indícios de que os primeiros animais a serem domesticados pelo homem ocorreram há aproximadamente 9 mil anos. (BURTON, 1981; WRATTEN, 1981; SERPELL & MC CUNE, 2012). Registros pré-históricos como as pinturas nas paredes das cavernas nos remetem o quanto já é longo esse convívio do homem com os animais. Foram encontrados na Ásia — em Ain Mallaha, Israel — e na

¹ São grupos de animais divididos em 5 grupos: 1º Aves, Canoras e ornamentais, 2º Cães, 3º Gatos, 4º Peixes Ornamentais e 5º Outros animais (ABINPET).

Europa resquícios arqueológicos de cães por aproximadamente 14 mil anos enterrados ao lado de humanos, como um sinal de cuidado. (NAGASAWA, MOGI, & KIKUSUI, 2009; SERPELL & MC CUNE, 2012).

Bowlby assinalou que apego-cuidado é um tipo de vínculo social baseado no relacionamento complementar entre pais e filhos. O apego tem sua própria motivação interna, distinta da alimentação e do sexo, como postulado pela teoria freudiana, e de igual importância para a sobrevivência. Sendo o apego um estado interno, sua existência pode ser observada através dos comportamentos de apego (BOWLBY, 1988/1989).

Tais comportamentos possibilitam ao indivíduo conseguir e manter a proximidade em relação a uma figura de apego, ou seja, um indivíduo claramente identificado, considerado mais apto para lidar com o mundo. Sorrir, fazer contato visual, chamar, tocar, agarrar-se, chorar, ir atrás são alguns desses comportamentos.

Beck e Katcher (1996), explica como o vínculo com o animal de estimação permite que os seres humanos se tornem pais e crianças. As pessoas cuidam e protegem os animais como filhos, assim em uma convivência diária os animais participam da vida das pessoas em vários momentos, como alegres e tristes, tornando-se assim seus confidentes.

De acordo com Johnson (2010), os animais podem atuar terapêuticamente na promoção da saúde humana. Sife (1993), explica que o animal tem uma função psicológica para o ser humano que deseja ter prazer em sua companhia, que é repleta de amor, conforta e fortalece o ego e a autoimagem do proprietário.

A cerca de pesquisas e estudos desenvolvidas ao longo dos anos, fica evidente que a interação homem-animal exerce uma função importante no desenvolvimento psicológico dos humanos a muito tempo e vêm se desenvolvendo cada dia mais.

2.2 OS processos de luto e o luto pet

Luto é um processo com um “conjunto de reações a uma perda significativa” Bromberg (2000 p. 15), e pode ser vivenciado de diversas maneiras para cada sujeito (BOWLBY, 2004A; 2004B; PARKES 1998). Melo (2004), relata que o luto

pode apresentar diversas manifestações como, choro, raiva, distúrbios de apetite, isolamento, espera pelo retorno do animal, culpa, tristeza, dor, vazio, solidão e saudade, se entende que o processo de luto é uma oportunidade ao enlutado elucidar os laços de vinculação.

Bowlby (2004^a; 2004^b), define o luto como uma forma de ansiedade de separação na qual estão presentes o protesto e a procura pelo objeto perdido, e o descreve como um processo dividido em quatro fases.

Entorpecimento: Caracteriza-se por choque e pela não aceitação da perda; pode ser interrompido por acessos intensos de consternação ou raiva;

Anseio e Saudade: Busca pela pessoa perdida; o indivíduo já sabe que a pessoa morreu, embora haja momentos de descrença em relação a isso, e é acometida de intensa raiva por não conseguir reavê-la.

Desorganização e Desespero: Apatia, depressão, isolamento e perda pelo desejo pela vida social.

Reorganização: Aceitação da perda; não há esquecimento daquele que morreu, mas o indivíduo já consegue se adaptar ao mundo sem a presença física do falecido. Não há esquecimento uma vez que ocorre a resignificação do falecido no contexto da vida do enlutado.

Freud (1915/2006), revela que o luto está ligado à perda de um objeto de amor, podendo não ser necessariamente um ser humano. Ramos (2016), salienta que a forma como o indivíduo vivencia o luto está ligado à relação de vínculo, circunstância da perda (como ocorreu), e personalidades do enlutado. Em casos de doenças, “ O luto se inicia antes da morte, a partir da constatação da doença, sendo intensificado pelas perdas dela decorrentes”, (FRANCO, 2008 p. 360), assim a família passa a mudar como lidar com a situação, onde papéis e funções serão modificados.

Franco (2010) relata que o luto é um fenômeno que engloba reações multideterminadas, constituídas por dimensões: fisiológicas, emocionais, culturais, sociais e espirituais. Michel (2019), não existe um tempo determinado para vivenciar o processo do luto, podendo levar dias até meses, e anos, sendo assim, tudo dependerá da história de vida do enlutado e do vínculo com quem perdeu.

Parkers (2009), relata em seus estudos que os homens demonstram uma resistência maior na expressão do pesar. Com o passar do tempo as lembranças

ficam ativas, seja em momentos específicos como contato com objetos, até pensamentos inesperados, de forma que a ausência passa a ser aceita, dando lugar a novos investimentos. Parks (1998) acrescenta a busca de atividades para evitar pensar na perda.

Para Fuchs (1987) e Zawistowki (2008), a perda do animal de estimação pode gerar maior ou menor envolvimento emocional, dependendo da intensidade de vínculo que prevalecia. Para Parkes (1998, 2009), na infância podem ocorrer separações ou perdas das figuras parentais. Sobre isso Zawistowki (2008) afirma essa questão se torna a primeira experiência com a morte na vida da criança, assim Beck e Katcher (1996), associam como um ensaio para as outras mortes as quais a criança irá lidar.

De acordo com Sife (1993) cada animal é único em personalidade e, em virtude da relação entre ele e o proprietário. Beck e Katcher (1996, p. 206) “ pessoas parecem sentir que seus animais são individuais, e não podem ser substituídos por outro”, nos mostrando que a ideia de possuir vários animais ou substituir não ameniza o luto.

Gardemann (2009) nos traz o quanto a morte de um animal de estimação pode ser devastadora quanto à morte de um ser humano, a qual o processo de luto pode ocorrer da mesma forma diante da morte de um ente familiar.

Toda perda gera mudanças no mundo presumido do enlutado, requerendo uma reorganização de sua vida. Parkes (2009) define mundo presumido, como sendo “aquele aspecto do mundo interno que é tido como verdadeiro.” Segundo McNicholas e Collis (1995), a intensidade das reações do enlutado, posterior a morte do animal dependerá do investimento emocional na relação, como rotinas. Algumas pessoas não poderiam ficar sem seu animal em casa, na tentativa de preservar seu mundo presumido.

Existem muitos casos em que o enlutado prefere fazer o descarte dos objetos (roupas e brinquedos) do seu animal de estimação rapidamente após sua morte, ou guardá-los em um local separado. Carmack e Packam (2011) denominam “vínculo contínuo” quando o enlutado possui objetos e/ou fotos guardados do animal, e também se sonham e acreditam em reencontrá-lo. Nestes casos, veem que este vínculo pode trazer conforto e sofrimento ao mesmo tempo, por exemplo ao criar a

expectativas de ficar esperando o dia do reencontro chegar, porém isso nunca acontece, e assim prolongando seu sofrimento.

Por todo exposto nesta seção é possível concluir que os seres humanos vivenciam um processo de luto por seus animais de estimação semelhante ao vivenciado pela perda de um ser humano.

2.3 O processo do luto à luz da Gestalt-Terapia

A palavra Gestalt tem origem alemã e refere-se à forma de algo. Ela sugere que o todo é maior que a soma de suas partes. Um dos seus conceitos chave está relacionado ao fechamento e à completude das situações inacabadas. A terapia Gestalt dá atenção a como colocamos o significado e damos sentido ao nosso mundo e às nossas experiências (PIMENTA, 2019).

Porém, quando essas situações não podem ser compreendidas e assim não atualizadas por não disporem de mecanismos, elas permanecem como fundo, geralmente incomodando, na proporção em que querem se tornar figura, no aqui e agora, único lugar ao qual podem ser atualizadas e concluídas. (POLSTER e POLSTER, 2001). O mesmo autor afirma que uma das principais ênfases da Gestalt-terapia é a acentuação daquilo que existe, sendo um dos meios básicos para lidar com os sentimentos. Ampliando a consciência no processo de awareness², assumindo e aceitando as responsabilidades de suas próprias escolhas.

Segundo Yontef (1998), a metodologia da Gestalt-terapia é o aumento da consciência, é estar “aware”, em contato com o elemento mais importante do campo indivíduo/ambiente, onde novas totalidades significativas são criadas e tem como foco compreender a função de entrar em contato com a realidade e intensificar a awareness dessa realidade.

O mesmo autor contribuiu determinando que nosso modo de ver e agir diante de ações são resultados de valores anteriores a qual assimilamos ou rejeitamos e como damos sentido à realidade externa diante de tal realidade. Esta ação denomina-se auto regulação organísmica a qual baseia-se no reconhecimento e assimilação, ao invés de introjetar ou rejeitar essas ações transformando-as de modo em que o novo seja apropriado tornando-se semelhante e assimilável pelo

² É uma percepção ou conhecimento não verbal daquilo que está ocorrendo aqui e agora.

organismo, e para que essa seja efetiva é necessário que o habitual se torne perceptível.

Perls, Hefferline e Goodman (1997) consideram que a auto regulação organísmica é um processo que exige uma implicação para novas necessidades, sendo mudanças dos recursos utilizados no “self” para o outro e para com a sociedade. Em Gestalt-terapia, o “self” é atingido como um sistema de ajustamentos criativos, à qual se dão as funções criativas de auto regulação, acolhimento da novidade, destruição e reintegração da experiência. Essas funções se dão através do contato e de seu desdobramento, a qual o “self” atua como um sistema de contatos.

Os mesmos autores definem contato como a formação da figura de interesse (Gestalt) clara, contra um fundo ou contexto do campo organismo/ambiente, à qual é considerado o elemento mais importante, onde novas totalidades significativas são criadas a fim de entrar em contato com a realidade e intensificar a awareness. Durante um impedimento de vivenciar os sentimentos decorridos pela perda, resultando em um bloqueio da falta de percepção do processo de luto e de suas dores como sendo pertencente ao “self”.

A aplicação em Gestalt-terapia tem como foco dar sentido à criação de espaços para uma otimização do processo de contato do seu desdobramento, ao longo que se abre novas experiências, que possa ser intérprete do seu processo de contato (FONSECA,2003). Segundo Ponciano (2019), nos contextos do ciclo de contato surgem os mecanismos de defesa do eu, no qual emerge a função de autorregulação do organismo. Sensações decorrentes das perdas de um ente querido são afastadas do contato e da consciência devido à dor que causam, com isso resulta em uma negação a possibilidades de arriscar a aceitar esses sentimentos, e assim vivenciá-los em sua totalidade, implicando em um impedimento em se ajustar ao ambiente.

Segundo Ribeiro (1997), os enlutados procuram ajustar-se à realidade de maneira mais rápida que encontram, de forma automática às situações, mobilizando a quantidade necessária mínima de energia.

De acordo com Perls, Hefferline e Goodman (1997), a perda é caracterizada pelo novo que pode provocar medo, interrupção e ansiedade, a qual este processo vem acompanhado da segurança da nova configuração que passa a existir. Ainda

destacam as dificuldades encontradas no processo de elaboração do luto, os impedimentos para se expressar e compartilhar sentimentos e pensamentos resultantes da perda da pessoa querida, e a existência de situações inacabadas que necessitam ser fechadas.

O acúmulo de sentimentos não expressos, despertam um sentimento de raiva, é muito comum durante o processo de luto, gerando ameaças pessoais em palavras ou ações. A retroflexão é um mecanismo de defesa que resulta no processo do luto que pode resultar em que o indivíduo sinta esse sentimento de raiva para si, podendo ser vivenciado como uma depressão, culpa e baixa estima, chegando até mesmo a casos mais graves com comportamentos autodestrutivos, e suicidas. A projeção é um outro mecanismo de defesa que é detectado quando a pessoa projeta sua raiva em outra pessoa ou coisas que consideram serem responsáveis pela morte do ente querido. (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997).

[...] o luto, a confusão, os sofrimentos são prolongados, porque há muito a ser destruído e aniquilado e muito a ser assimilado, e durante esse período ele não deve se dedicar a seu trabalho sem importância, suprimindo de maneira deliberada o conflito. Por fim, o trabalho de luto se completa e a pessoa está mudada, e adota um desinteresse criativo; imediatamente outros interesses se tornam dominantes. (PERLS, HEFFERLINE, GOODMAN, 1997, p. 166)

As perdas podem oferecer uma parada na correria da vida, para refletir e reavaliar qual o sentido que está sendo dado a ela, devemos avaliar o que está sendo valorizado e o que está sendo deixado de lado, assim reconfigurando e reorganizando a vida (SOUZA, 2016).

Segundo Goldstein (1939/2000) a maneira como os sujeitos utilizam para se relacionar com o mundo é uma forma de regular o próprio organismo, sendo assim, umas das características principais do funcionamento do ser vivo. Dessa forma, o convívio com os animais acaba contribuindo na autorregulação (GIUMELLI, 2016).

3.4 Marley e eu: uma história de luto pet a luz da gestalt-terapia

O filme Marley e eu (2008), retrata logo no início que os personagens Jennifer e John são recém-casados, e começam a viver uma vida a dois. John é aconselhado pelos amigos a presentear a esposa com um cão na intenção de adiar os planos da esposa de terem um filho. Então, John leva a esposa Jennifer até uma fazenda para

que pudesse escolher um filhote, a qual a mesma escolhe um da raça labrador. Ambos ficam felizes, e escolhem o filhote com o menor valor (cão de liquidação), e levam o novo amigo para casa, nomeando como Marley.

Apesar dos anos se passarem e Marley triplicar seu tamanho, seus donos continuam o amando incansavelmente e se adaptando às suas condições a qual geram uma atenção maior. Por mais que as questões do dia do casal possam causar estresse, demonstram ter um apego muito forte ao animal, pois o animal ali demonstra ser um gerador de felicidade, harmonia e aproximação para o casal.

Os anos se passam e o casal tem três filhos. Marley acaba desenvolvendo uma doença no estômago, mas por sua idade a cirurgia é de risco e o problema só lhe causa dor. Depois de tanto o animal lutar e a família sofrer com a doença de Marley, John, juntamente com a médica veterinária decidem prosseguir com a eutanásia, a qual induz a morte do animal sem provocar dor ou angústia ao animal.

John leva o animal para ser enterrado no quintal de casa, na qual a família prepara entre eles um funeral e um ritual de despedida. Todos os filhos do casal se despedem do animal como um irmão e membro da família.

Segundo Fonseca (2003), o luto e a dor, precisa ser vista como parte de si, de sua própria existência e realidade, assim vivenciando até esgotar-se, do mesmo modo como as emoções quando expressamos, caminhamos para assim esgotá-las. Nas cenas finais do filme, é permitido a toda família viver, se expressar e ressignificar o luto por seu ente querido, seu animal de estimação Marley, com o ritual de despedida e o enterro no quintal.

Essa forma de enfrentar o luto segundo Fukumitsu (2008), resulta em um aprendizado de certa forma a reconhecer que o sofrimento também faz parte da vida assim como a alegria, e de que somos capazes de encontrá-lo em toda nossa plenitude, e que podemos assim sobreviver a este luto. Com o tempo pensamentos e sentimentos se tornaram menos dolorosos e assim surjam novas oportunidade para novos pensamentos e sentimentos e o movimento contato – afastamento se realizará em outra figura, e que não seja somente a dor da perda.

Para Bowlby o modelo funcional do self é um elemento-chave para a noção de quão aceitável ou inaceitável a criança é, aos olhos das suas figuras de apego (Bowlby, 1973/1998a). No final do filme na despedida da família no enterro no quintal, Jennifer diz que sua família já havia começado quando Marley chegou,

tendo assim um filho. E Conor, filho do meio de Jennifer e John, se despede de Marley como seu irmão.

A perda por um animal de estimação surge como novidade, torna-se figura, clama por atenção, precisa ser contatada e percebida. Destaca-se quanto a morte de um animal de estimação pode ser devastadora quanto à morte de um ser humano, e que o processo de luto pode ocorrer da mesma forma diante da morte de um ente familiar (VIEIRA, 2019). Os problemas podem surgir na expressão do luto, que pode ser intensificado por ter sido negado ou inibido pela exclusão do enlutado, até mesmo pela falta de apoio social durante a vivência do luto (SOUZA, 2016).

Fukumitsu (2008) contribui afirmando que o luto é um processo de fechamento de gestalten. A Gestalt-terapia nos contribuiu com a técnica da lei da boa forma. Essa lei sugere que busque um fechamento, assim fazendo com que as figuras sejam vistas de um modo tão bom quanto possível, sob as condições de estímulo. Sentimentos vividos quando reconhecidos pelos clientes, ajudam a elaborar uma demanda de organização.

Sob o olhar da Gestalt-terapia podemos fazer o acolhimento do indivíduo enlutado através da escuta ativa, encaminhamentos à grupos de apoio, propiciando suporte emocional, possibilitando a este a realização da difícil tarefa de reviver lembranças e situações que envolvam o animal perdido, entrando em contato com suas emoções e expressando seus sentimentos de dor e sofrimento, trabalhando questões que envolvam seu animal de estimação falecido, fechando suas "gestalten" e abrindo-se às novas possibilidades que possam surgir desta nova forma de se relacionar com o mundo (BRITO, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante toda pesquisa houve dificuldade em encontrar referências bibliográficas que abordassem a temática luto pet à luz da Gestalt-Terapia.

O filme nos beneficiou com cenas marcantes para a qual foram consideráveis a interpretação e reflexão do contexto ao reconhecimento do processo do luto para com os animais de estimação.

O luto é um processo a qual todos estamos sujeitos a viver em algum momento da vida. Foi concluído que o luto por animais de estimação pode ser vivido

da mesma forma para com a morte de um ser humano. Este trabalho foi um convite para que esse tabu seja discutido cada vez mais, e assim possa acolher aos enlutados e auxiliar no reconhecimento por todos pela perda de um animal de estimação.

Na clínica com a Gestalt-Terapia deve-se haver compreensão dos sentimentos e compartilhar com seu paciente o que ele viveu, acolhendo, e confirmando a vivência do seu luto. Primeiro desenvolvendo a awareness dessa Gestalt em aberto e em seguida trabalhar introjeções, expressões de sentimentos, atualizar experiências, para que assim desenvolva o auto-suporte e integração do seu paciente.

Todas as perdas são diferentes. A Gestalt-Terapia oferece uma compreensão de que somos seres de relação com todos os aspectos de vida e morte. Precisamos correr riscos e criar possibilidades de fechar situações inacabadas, como sendo capazes de trabalhar questões da vida e a morte, a qual ressignificar a dor é uma forma de realizar uma nova forma de experiência.

É sugerido que este tema seja continuado a ser pesquisado, seja em pesquisas primárias, ou entrevistas com enlutados por animais de estimação, com embasamentos da teoria da Gestalt-Terapia, com ênfases no autor brasileiro, de grande destaque, Jorge Ponciano, e suas pressupostas teorias do ciclo de contato e afins, e outros autores a qual seja relevante para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

BRITTO. **A vivência do luto pela morte de animais domésticos**. João Pessoa, 2018.

BOWLBY, J. Apego e perda, Vol 1. **Apego**: a natureza do vínculo (2a ed). Martins Fontes, São Paulo, 1990 (Trabalho original publicado em 1969).

BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos** (3a ed.). Martins Fontes, São Paulo, 1997. (Trabalho original publicado em 1979)

BOWLBY, J. Apego e perda, Vol. 2. **Separação: angústia e raiva** (3a ed). Martins Fontes, São Paulo, 1998 (Trabalho original publicado em 1973).

CECCON, Neila Jucilene. **A morte e o luto na perspectiva da psicologia humanista**. EVINCI – Curitiba v.3, n.2, p.883-889, out 2017.

DALBEM, J. X.; DELLÁGLIO, D. D. Teoria do Apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 57, n. 1, p. 12-24, 2005.

FERREIRA, Livia Cardoso; LEÃO, Nara Cristina Leão; ANDRADE, Celana Cardoso. **Viúvez e luto sob a luz da Gestalt-terapia**: experiências de perdas e ganhos. PEPSIC. Goiânia, 2018.

FREITAS, J. L. **Experiência de adoecimento e morte**: diálogo entre a pesquisa e a Gestalt-terapia. 2009, 1ª reimpr. Curitiba: Juruá, 2010.

GARDEMANN, PARANZINI, NETA, TRAPP. Aspectos emocionais gerados pela morte do animal de estimação. **Arq. Ciênc. Vet. Zool.** Unipar, Umuarama, v.12, n.l, p. 33-36, jan/jun. 2009.

GIUMELLI, DUQUIA; RAÍSA, SANTOS, CLEURI; MARCIANE PEREIRA. Convivência com animais de estimação: Um estudo Fenomenológico. **Revista de Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, vol. XXII, núm. 1, julho, 2016, pp. 49-58.

GIUMELLI, RAISSA DUQUIA; SANTOS, MARCIANE CLEURI PEREIRA. Convivência com animais de estimação: um estudo fenomenológico. PEPSIC, Goiânia 2016.

HENNING, MOURA, CUNHA, FIGUEIRA, HORBE, GASPARY. Análise de conteúdo: fazemos o que dizemos? Um levantamento de estudos que dizem que adotar a técnica. Brasília – 2013.

HOLANDA, A. F. **Fenomenologia e Humanismo**: reflexões necessárias. Curitiba: Juruá, 2014

MARLEY E EU. Direção: David Frankel. Florida, 2008. Disponível em: Netflix.

MARTINS, MARIZE; LIMA, PATRÍCIA VALLE DE ALBUQUERQUE. **Contribuições da Gestalt-terapia no enfrentamento das perdas e das mortes**. PEPSIC, Rio de Janeiro, Junho, 2014.

NISE- o coração da loucura. Direção: Roberto Berliner. Produção: Lorena Bondarovsky Letier. Rio de Janeiro 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bOrymJuwVvl> .

OLIVEIRA, DERIA DE. **O luto pela morte do animal de estimação e o reconhecimento da perda**. São Paulo, 2013.

PACKMAN W., Field, N. P., Carmack, B. J., & Ronen, R. Vínculos contínuos e ajuste psicossocial na perda de animais de estimação. **Journal of Loss and Trauma**, 16(4), 341–357, 2011.

PENAFRIA, MANUELA. Análise de filmes - conceito e metodologia (s). VI congresso SOPCOM. Abril, 2009.

RAMOS, VERA ALEXANDRA BARBOSA. **O processo de luto**, 2016.

RIBEIRO, JORGE PONCIANO. **Gestalt-Terapia**. O ciclo do contato. Summus Editora. São Paulo, 1997.

SOUSA, LUIZA ERIDAN ELMIRP MARTINS DE. O processo de luto na abordagem gestáltica: contato e afastamento, destruição e assimilação. **Periódicos eletrônicos em psicologia**. Rio de Janeiro, 2016.

VIEIRA, MÁRCIA NÚBIA FONSECA. Quando morre o animal de estimação: Um estudo sobre luto. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v.25, n,1,p. 239-257, jan. 2019.



DECLARAÇÃO DE INEXISTÊNCIA DE PLÁGIO

Declaro para os devidos fins que este texto não constitui plágio, total ou parcial.

1. Identificação do material bibliográfico: Monografia Artigo

Nome completo do autor: Marynara Matos de Oliveira Marinari

Título do trabalho:

O LIAO por animais de estimação sob o olhar da Gestalt-terapia:
Uma análise do Filme Marley e eu.

Estou ciente das possibilidades das sanções administrativas e judiciais se constatada qualquer problema de autenticidade na banca final de defesa, caso seja identificado qualquer tipo de plágio no texto.

Declaro, ainda, estar ciente do que prevê o Artigo 184 do Código Penal e da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, sobre os Direitos Autorais, e que plágio consiste na apropriação e reprodução de ideias ou obras alheias.

Goânia- GO, 23 de Junho de 2022.

Marynara Matos O. Marinari

Assinatura do autor



DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO

Declaração de autorização para publicação no Repositório Institucional do Centro Universitário Cambury	
Identificação do autor:	Marynara Matos De Oliveira Marinho
RG:	6321512
CPF:	707.061.061-05
E-mail:	marynaramatos@gmail.com
Fone:	62 98195-4402
Título do artigo:	O Luto por animais de estimação sob o olhar da Gestalt - Terapia: Uma análise do filme Marley e Eu.
Professor (a) Orientador (a):	Mirelly Conceição do Carmo
Data da defesa:	23/06/2022
Nota:	10,0

DECLARAÇÃO E TERMO DE AUTORIZAÇÃO

- a) Declaro que o presente artigo é de minha própria autoria e que todas as citações, pensamentos ou ideias de outros autores nele contidas estão devidamente identificadas e referenciadas segundo as normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas;
- b) Estou ciente de minha responsabilidade legal pelo uso inapropriado de ideias, pensamentos e citações não identificadas e/ou referenciadas;
- c) Autorizo qualquer alteração no texto que for necessária para a correção dos erros de português e/ou digitação, e adaptação do texto nas páginas, quando forem diagramados para a publicação, bem como modificação de palavras, desde que não comprometa a estrutura do artigo e o pensamento do autor;
- d) Com fundamento nas disposições da lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, autorizo a disponibilizar gratuitamente a obra citada, sem ressarcimento de direitos autorais, para fins de leitura, impressão e/ou download pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada pelo Centro Universitário Cambury, a partir desta data.

A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis e qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido. Assim, autorizo a liberação total, estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de minha inteira responsabilidade.

Goiânia, 23 de Junho de 2022.

Marynara Matos D. Marinho

Assinatura do autor